

Revista de Literatura,
História e Memória



Dossiê: Literatura e suas
Fronteiras: do Local e do Global
ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 25 - 2019

UNIOESTE/CASCADEL - P. 93-105

**METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E
REGIONALISMO AMAZÔNICO: A DISPUTA PELO
TERRITÓRIO ACREANO E OS RETRATOS DA
EXTRAÇÃO SERINGUEIRA EM *GALVEZ, IMPERADOR
DO ACRE*, DE MÁRCIO SOUZA**

**Historiographic metafiction and amazon regionalism: the
disagreement by the acreano territory and the pictures of the
serenuean extraction in *Galvez, emperor of Acre*, Márcio
Souza**

Luciano Santos Xavier¹
Mylena Cerqueira da Silva²
Adriano Antonio Lima Menezes³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir os processos da disputa pelo território acreano e os retratos da extração seringueira da Amazônia do fim do século XIX a meados do século XX trazidos por Márcio Souza em *Galvez, Imperador do Acre*. Para tanto, utilizamos as perspectivas teóricas da Metaficção Historiográfica, trazida por Linda Hutcheon (1991), posta a sua vertente que interpõe um diálogo entre a história e a ficção/literatura e do Regionalismo Nortista/Amazônico sob a perspectiva de Afrânio Coutinho (1986), de modo a reconhecer os traços regionais presentes e marcados no enredo da obra. Abordamos também os mecanismos do Realismo Maravilhoso utilizados por Márcio Souza para instituir as suas críticas imbuídas de humor e ironia às desigualdades vigentes na Amazônia da época, assim como ao governo brasileiro da Ditadura Militar, considerando o período de escrita do livro (1976).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Realismo Maravilhoso; Metaficção Historiográfica; História do Acre; Regionalismo Amazônico.

ABSTRACT: The present work has as objective to discuss the processes of the dispute over the Acrean territory and the portraits of rubber extraction from the Amazon from the end of the 19th century to the middle of the XX century brought by Márcio Souza in *Galvez, Emperor of Acre*. In order to do so, we use the theoretical perspectives of the Historiographic Metafiction, brought by Linda Hutcheon (1991), in the perspective of Afrânio Coutinho (1986), which interposes a dialogue between history and fiction / literature and Northerner / Amazonian Regionalism, in order to recognize the regional features present and marked in the plot of the work. We also approach the mechanisms of Marvelous Realism used by Márcio Souza to institute his criticisms imbued with humor and irony to the existing inequalities in the Amazon of the time, as well as to the Brazilian government of the Military Dictatorship, considering the writing period of the book (1976).

KEYWORDS: Literature; Wonderful Realism; Historiographic Metafiction; History of Acre; Amazonian Regionalism.

¹ Graduando em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus IV - Jacobina/BA. Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR). E-mail: lu.ciano2011@live.com.

² Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus IV. E-mail: mylenacerqueira2014@gmail.com.

³ Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Doutorando em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus IV. E-mail: aamenezes@uneb.br.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylena Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

INTRODUÇÃO

Conforme as discussões de Roger Chartier (2000) em um texto publicado na *Revista Topoi*, a relação entre a História e a Literatura é evidente, uma vez considerada a aproximação histórica entre os textos, assim como o aspecto estético do texto literário na representação e no desvelar da história. A literatura como representação da realidade concreta converge a história para o campo da ficção, na medida em que tenciona as relações humanas, contextos e fatos históricos para uma narrativa que, mesmo ficcionalizada, reflete as vivências e experiências de sujeitos reais.

Galvez, Imperador do Acre (1977), de Márcio Souza, traz uma narrativa bastante peculiar num misto de ficção e história, na qual aborda a disputa pelo território do Acre, onde o personagem Galvez protagoniza toda a trama. O enredo também entorna aspectos marcantes do cotidiano e da cultura amazônica, contextualizando o processo da extração seringueira na Amazônia, do fim do século XIX a meados do século XX.

Conforme discutiremos mais adiante, essa narrativa de Márcio Souza figura-se no movimento do Realismo Maravilhoso. É bastante singular a forma com que narrador institui esse aspecto fantástico numa história que vislumbra as mazelas que o povo amazônico e os imigrantes que lá estavam foram sujeitos, enquanto as grandes personalidades políticas e econômicas usufruem da extração da borracha.

Postos esses aspectos, traremos aqui uma discussão que tencionam as abordagens teóricas do Regionalismo e da Metaficção Historiográfica, de maneira a compreender como o narrador constrói no romance um paralelo entre a ficção e a historiografia, no que se refere à fundação do Acre, e as consequências sociais, culturais e econômicas da extração da borracha na Amazônia.

Esse artigo está organizado em três tópicos. Inicialmente, discutiremos algumas questões do Realismo Maravilhoso, e como esse é perceptível no romance em questão de Márcio Souza. No segundo tópico, traremos algumas considerações acerca das teorias que engendram os conceitos de Regionalismo e Metaficção Historiográfica. Por fim, explanaremos a temática que tange a disputa pelo território acreano e os retratos da extração seringueira na narrativa de *Galvez, Imperador do Acre*, de Márcio Souza.

1. MÁRCIO SOUZA E O REALISMO MARAVILHOSO

Nascido em Manaus/AM no dia 4 de março de 1946, Márcio Souza vivenciou inúmeras experiências ainda nessa localidade à margem do desenvolvimento social. Estudou Ciências Sociais na USP, mas não chegou a concluir o curso. Ainda muito jovem colaborou em vários jornais da capital amazonense.

Seu livro, *Galvez, Imperador do Acre*, insere o leitor no contexto sociocultural amazônico do fim do século XIX a meados do século XX, numa narrativa instigante e guiada pelo humor e ironia. Essa obra foi lançada em 1976 e, com ela, Márcio se lança no campo da escrita literária. A data de publicação do livro em questão situa-se justamente no período em que o Brasil passava pelo regime da Ditadura Militar, e podemos observar nos relatos do narrador várias críticas a esse contexto, manobradas, claro, pelas passagens irônicas e humorísticas.

Essa escrita de Márcio Souza está configurada também na narrativa do “Realismo Maravilhoso”, considerando algumas precisões conceituais, baseadas em abordagens de Alejo Carpentier (1985). Segundo Antonio R. Esteves e Eurídice Figueiredo (2010), a base do raciocínio de Carpentier “é a suposta existência de uma realidade maravilhosa na América Latina, resultado da conjunção de uma natureza exuberante e uma cultura mestiça, em cuja história ocorrem fatos que podem parecer insólitos aos olhos do estrangeiro” (ESTEVES e FIGUEIREDO, 2010, p. 399).

Nessa perspectiva, o Realismo Maravilhoso, parte do pressuposto de que há possibilidades interpretativas nessas narrativas que tentam sustentar uma identidade latino-americana, resultante de uma exuberante cultura mestiça. O Realismo Maravilhoso, vai além de uma escola ou movimento literário, ele assume “um tipo de discurso que permite determinar as coordenadas de uma cultura, de uma sociedade, de uma linguagem hispano-americana” (ESTEVES e FIGUEIREDO, p. 404).

No que se refere às nuances críticas de Márcio Souza, com relação à Ditadura Militar, Zilá Bernd, em um artigo publicado na *Revista Letras de Hoje*, em 2010, nos lembra as manobras utilizadas pelos escritores para recriminar os governos ditatoriais. A autora destaca principalmente as escritas empregadas por autores do Realismo Maravilhoso, uma vez que os mecanismos de construção textual e narrativa desse tipo de literatura atenuavam diversos dilemas, em especial os que se referiam ao declínio da democracia, de modo a estabelecer <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylena Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

críticas a esse regime que, na época, era bastante comum na América Latina. Para Bernd (2010):

Recuperando as narrativas simbólicas inscritas nas lendas autóctones, o realismo maravilhoso latino-americano conseguiu driblar os mecanismos imóveis e imobilizantes da censura em vigor durante os períodos de ditaduras militares, libertando assim a palavra insubmissa dos escritores impedidos de denunciar abertamente o arbítrio. (BERND, 2010, p. 67).

É por meio dos jogos com a linguagem literária e pelo ilógico na construção narrativa do Realismo Maravilhoso que Márcio Souza estabelece nas entrelinhas do discurso do narrador aspectos denunciadores e opositores ao Regime Militar que governava o país. Em vários momentos da narrativa o narrador lança indiretamente críticas ao judiciário, bem como à sociedade brasileira, sobre as questões que engendram a exploração da borracha na Amazônia.

A ironia e o humor são características marcantes no enredo construído por Márcio Souza, em *Galvez, Imperador do Acre*, e é através desses recursos que o “maravilhoso” se constrói em seu discurso literário. Márcio Souza configura a narrativa maravilhosa principalmente na figura do personagem protagonista [Galvez]. Pensemos a estranheza de um homem que se proclama imperador de um território disputado por Brasil e Bolívia, em uma época em que o território brasileiro já se situa como um Estado Republicano.

Outro aspecto do maravilhoso presente na obra é a magia a qual o narrador instaura sobre a origem do Teatro Amazonas, que por vezes um dos personagens, Sir Henry, diz ser obra de extraterrestre, como podemos observar no fragmento a seguir:

Quando lhe disserem em Manaus, grunhiu Sir Henry, que o Teatro Amazonas é obra de um obscuro governador, não acredite. Isso é fruto da ignorância dos nativos. Estamos certos Mister Aria, que os extraterrestres existem e que o Teatro Amazonas é uma de suas marcas. (SOUZA, 1977, p. 78).

Ao analisarmos as circunstâncias de projeção do Teatro Amazonas (esse que realmente existe), parece algo que foge da realidade um teatro construído praticamente no meio da selva amazônica, posta a época de sua construção e com traços e desenhos da arquitetura renascentista europeia; aí se origina o espanto que o autor passa à narrativa da obra.

Não só o estado do Amazonas, mas toda a região amazônica passou por inúmeras transformações sociais, culturais e econômicas, em especial no período de 1879 a 1912, visto a extração seringueira que acontecia e que causou um grande impacto para a população local

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylena Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

(D'AGOSTINI, 2013). Daí, então, o surgimento do Teatro Amazonas que foi construído para atender aos desejos da sociedade aristocrata da época, e que se figura hoje como um grande marco da riqueza gerada pelo ciclo da borracha.

O real maravilhoso também se apresenta em uma narrativa bastante singular envolvendo o personagem, Sir Henry e suas pesquisas sobre os índios da região amazônica. A questão está posta sobre a crença do personagem de que há na selva amazônica uma espécie de ser iluminado, denominado Jurupari⁴, com vista a grande protuberância do seu órgão sexual:

Se não cremos numa nave pousada na selva, e nem nas narrativas dos selvagens, sempre inclinados a lendas, não se pode deixar de admirar o herói Jurupari e seu carro de fogo, seduzindo virgens indígenas com uma técnica sexual misteriosa. Sir Henry havia coletado uma lenda que descrevia o órgão sexual do Jurupari como uma espécie de flauta mágica. Creio que o segredo erótico de Jurupari era do conhecimento de Sir Henry. (SOUZA, 1977, p. 86).

Jurupari recebe uma conotação bastante peculiar de um ser mítico, cujo cunho sexual é “enfeitiçador” e magicamente reconhecido. Aqui observamos um traço marcante da narrativa do Realismo Maravilhoso, a forma exótica e misteriosa com que o narrador discorre e o tratamento atribuído pelo personagem Sir Henry aos falos dos índios é tão naturalizada que só ganha uma maior evidência sendo a que é dada por nós leitores e críticos, após a leitura e interpretação da obra.

O exotismo e mistério que Sir Henry cria em torno do Jurupari é tão intenso a ponto de o personagem extrair o aparelho sexual dos índios que apresentam grande protuberância, para os fins “científicos”:

Quando tentava entrar em contato com os Tariana, Sir Henry sofreu uma emboscada e perdeu o controle dos nervos. **Atirou aermo e conseguiu abater dois índios. [...] Os dois jovens guerreiros possuíam as chamadas partes pudentas tão desenvolvidas que humilhavam qualquer mortal. Com as mãos trêmulas amputou as duas genitálias e guardou-as em frascos com espírito de vinho. [...] Sabíamos das flautas de Jurupari e logo aqueles membros viris nos confirmavam a origem libidinosa da intervenção extraterrestre. [...] No intuito de complementarmos um exame mais detalhado, oferecemos aos mateiros que nos acompanhava um prêmio de**

⁴Na cultura indígena, Jurupari é um personagem da sua mitologia, cuja figura possui duas significações: a primeira é de Jurupari como uma criatura sábia e legisladora entre os povos indígenas; e a segunda (bastante difundida pelos jesuítas no período de catequização dos índios) é de Jurupari como um demônio que viria aterrorizar o povo indígena. Essa última definição foi muito utilizada pelos jesuítas como forma de condenar as práticas religiosas dos índios. (BEZERRA, 2018).

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

trinta libas por exemplar em seu perfeito estado. Recebemos todos esses e não posso me queixar da compreensão que aquela gente rude parece devotar à ciência. (SOUZA, 1977, p. 109, grifo nosso).

O encantamento que Sir Henry atribui a Jurupari contorna a insistência do personagem na busca por uma suposta manifestação extraterrestre. Através da passagem supracitada, o narrador também denuncia os abusos dos pesquisadores europeus, diante do exotismo atribuído às terras brasileiras/latino-americanas, sobretudo, ao índio brasileiro da região amazônica. Os ciclos de violência contra a população indígena são marcados na narrativa, como observamos no fim do relato, considerando a oferta de recompensa de Sir Henry pela captura do falo indígena.

Apesar de uma narrativa ficcional, é representado em vários momentos os traços da realidade em que viveu a Amazônia e seus habitantes no período da alta extração seringueira. Para estabelecer esses diálogos entre ficção e realidade abordaremos a perspectiva da Metaficção historiográfica e do regionalismo (amazônico) vislumbrados na obra em questão. Traremos algumas reflexões sobre esses conceitos com o intuito de compreender os diálogos que Márcio Souza constrói entre história/realidade e ficção em *Galvez, Imperador do Acre*.

2. REGIONALISMO E METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA: CONSIDERAÇÕES

O livro *Galvez, Imperador do acre* é estruturado através de pequenos fragmentos que trazem à narrativa uma característica digressiva e fragmentária. Segundo Moisés (2004, p. 124), a digressão pode ser definida como uma “figura de retórica, que consiste em o orador afastar-se do seu tema, pelo recurso à inserção de matéria estranha àquela tratada no momento”. Tal característica pode ser observada no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e marca um rompimento intencional na narrativa através da introdução de um tema e, posteriormente, a retirada deste mesmo tema. O autor acrescenta que tal recurso [digressão] intercala outros gêneros textuais ao texto ou oratória e assume variadas formas, dentre as quais vale destacar a apóstrofe, através da qual o autor ou orador “se dirige [...] ‘a coisas’ (‘fenômenos metrológicos e geográficos’; ‘noções abstratas’ [...]), ‘noções coletivas’”. Desse modo, Márcio Souza rompe a linearidade do texto ao trazer conceitos/comentários científicos, diálogos paralelos e até mesmo, dois narradores em primeira pessoa, sendo que um deles faz intervenções quanto aos casos contados nas cartas do outro narrador.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylena Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

Notamos, assim, a presença de duas vozes narradoras no livro: sendo a do “narrador-editor”, posto que ele encontra as cartas narrativas e as edita na composição do livro e a do “narrador-personagem”, que é o autor das cartas que foram organizadas pelo narrador-editor no processo de elaboração da narrativa.

No tópico “PERDÃO, LEITORES!” (SOUZA, 1977, p. 74), o narrador-editor (uma vez que ele se reconhece como organizador e publicador das cartas do outro narrador) interrompe o fluxo narrativo de leitura das cartas para contrapor/apontar a composição imaginária dada pelo narrador-personagem, Luiz Galvez, ao período em que ficou perdido em uma ilha. Vale destacar que o segundo tópico da primeira parte do livro recebe o nome de *OSÉ DE ALENCAR*, no qual o narrador-editor destaca que utilizou do mesmo método de escrita do autor citado em *Guerra dos Mascates* (1873); organizou e publicou um conjunto de cartas.

Essas duas vozes narrativas, tanto a do narrador-editor quanto a do narrador-personagem, compõem no texto uma narração prosaica que enlaça o leitor no universo ficcional das cartas escritas e narradas e o transporta ao contexto histórico e espacial amazônico de uma maneira emblemática. Isso acontece por meio dos aspectos regionalistas trazidos e traduzidos de maneira sutil, no entanto, emblemática pelos narradores.

O caráter regionalista é um marco importante a ser sinalizado em *Galvez, Imperador do Acre*. Afrânio Coutinho (1986), ao contextualizar os estudos de Howard W. Odum sobre o regionalismo literário aponta que este conceito se define pela apresentação do espírito humano em todas as suas nuances e em relação com o ambiente em que vive, e, aqui no Brasil, essa abordagem teria nascido do dramático embate entre a terra e o homem. Desse modo, a narrativa regionalista se figura em “retratar o homem, a linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região particular, consideradas em relação às reações do indivíduo” (COUTINHO, 1986, p. 235).

Ainda segundo o autor, o regionalismo pode ser dividido em duas categorias: a romântica e a realista. No regionalismo romântico está presente a representação de um “passado idealizado”, que aborda a supervalorização da cor local e do exótico para criar um “herói regional”. Já no regionalismo realista não há uma abordagem saudosista; aqui se considera as condições de vida realistas e contemporâneas (COUTINHO, 1986).

Toda a produção regionalista, por seu caráter representativo sobre a linguagem, as condições de vida, a paisagem e entre outros aspectos, acaba por servir como uma ferramenta de estudos sociais e históricos. Quando se trata da abordagem literária, Coutinho (1986, p. 237) <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylena Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

destaca que esta não segue a divisão geográfica à risca; a literatura regionalista trabalha com regiões culturais que evidentemente se diferenciam entre si e dentro da própria região natural em que está inserida, como é o exemplo do *ciclo baiano* em comparação ao *ciclo nordestino*, considerando que o ciclo baiano segue uma vertente regional que pode se distinguir do ciclo nordestino, mesmo a Bahia pertencendo à região Nordeste.

No que tange à abordagem da região da Amazônia ou do *ciclo nortista*, Coutinho (1986) a divide em três fases: a naturalista, a ufanista e a modernista; em todas elas destaca-se, em primeiro lugar, a figura da paisagem especialmente a natureza amazônica, e em seguida a figura do homem e os aspectos místicos que se constituem expressivamente da seguinte forma: “ao lado do aspecto ecológico, o sentido humano e o social, com a fixação da psicologia linear daquela pobre gente abandonada e esquecida, de condições morais e materiais desgraçadíssimas” (COUTINHO, 1986, p. 242).

O regionalismo nortista se deu especialmente sob a perspectiva realista e se destaca pelo seu valor documental, em que prevalecem a abordagem da natureza, os casos míticos e cotidianos e o drama social e econômico. É visível em alguns tópicos do livro – por exemplo: *ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA* (SOUZA, 1977, p. 25) e *A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES* (SOUZA, 1977, p. 136) –, comentários descritivos do estado acreano e da sociedade, que corroboram esse caráter documental característico de algumas obras nortistas.

No enredo construído por Márcio Souza são observadas as características do espaço onde se situa a narrativa. A forma simbólica com que o autor traz as experiências e vivências no território amazônico compõe o aspecto regionalista da obra. No entanto, o autor já sinaliza no princípio do livro a ruptura ali delineada, com relação aos estereótipos sobre os indígenas e a Amazônia criados na literatura: “agora estamos fartos de aventuras exóticas e mesmo de adjetivos clássicos e é possível dizer que esse foi o último aventureiro exótico da planície” (SOUZA, 1977, p. 15).

Márcio Souza critica nesse fragmento os movimentos literários que teceram na imagem das pessoas e do território amazônicos um arquétipo ainda vigente em muitos discursos, como foi o caso do Romantismo, em que o exotismo e a submissão imperaram. Em *Galvez, Imperador do Acre*, o narrador configura o território amazônico distanciando-se desse exotismo instituído nas narrativas românticas. Na obra em questão o regionalismo aparece de modo a transpassar algumas das muitas vivências dos povos amazônicos, em especial no ciclo da borracha.

Márcio Souza emprega relatos da história do Acre para construir uma narrativa ficcional <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylene Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

repleta de críticas e interposições ao Governo Brasileiro da época. Tal perspectiva de relacionar a literatura com a história é denominada de metaficção historiográfica por Linda Hutcheon (1991). Segundo a autora, a narrativa metaficcional historiográfica propõe um diálogo do universo ficcional com o histórico, ao considerar que “naturalmente, a história e a ficção sempre foram conhecidas como gêneros permeáveis” (HUTCHEON, 1991, p. 143). Isto é, a narrativa construída sob a perspectiva da metaficção historiográfica trabalha com a reflexão crítica do passado. No enredo de *Galvez, Imperador do Acre*, Márcio Souza retoma a figura de um personagem da história, sendo Luiz Galvez Rodrigues de Aria, que teve um papel muito importante na conquista/retomada do território acreano para o Brasil na disputa com a Bolívia. É através dessa retomada histórica que podemos identificar alguns dos elementos históricos que são imbuídos na ficção aqui analisada.

É muito emblemática a forma com a qual Márcio Souza ficcionaliza a figura de Galvez, transformando-o no enredo como um imperador que torna independente o território do Acre. Novamente podemos observar os traços do Realismo Maravilhoso, diante de acontecimentos. Galvez, repentinamente, junta uma tropa formada por seringueiros e mulheres atrizes e dos cabarés para tomar o território acreano das mãos de bolivianos armados, e mais, apoiados então pelos Estados Unidos. Esse recurso humorístico ganha evidência na medida que o plano de Galvez dá certo e a Independência do Acre é instaurada pelo personagem.

Em *Galvez, Imperador do Acre*, após a retomada do território acreano e a declaração da sua independência, Galvez é enganado pelos seus apoiadores e o território do Acre é não mais independente e, sim, integrado ao Brasil. Assim principiam os infortúnios e o fim do personagem Galvez, que é morto, após resistir, às determinações dos brasileiros na integração do Acre ao Brasil.

Observamos que tanto os aspectos regionalistas amazônico/nortistas quanto os traços metaficcionais historiográficos constroem um aspecto marcante na narrativa de Márcio Souza, que propicia uma releitura humorística e irônica de acontecimentos na Amazônia do fim do século XIX a meados do século XX.

3. A DISPUTA PELO TERRITÓRIO ACREANO E OS RETRATOS DA EXTRAÇÃO SERINGUEIRA EM *GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE*, DE MÁRCIO SOUZA

Posto o que apresentamos no tópico anterior, os aspectos da metaficção historiográfica e do Regionalismo marcam o enredo de Márcio Souza em *Galvez, Imperador do Acre*. É <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylene Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

bastante interessante o modo com que o autor insere na narrativa os fatos históricos no que tange a disputa pelo território acreano. Como é citado no tópico “EQUÍVOCOS ACREANOS” (SOUZA, 1977, p. 28), através do Tratado de La Paz de Ayacucho firmado em 1867, a Bolívia realmente possuía o direito sobre o território acreano. Porém, o conceito *uti possidetis*⁵ (presente no segundo artigo do tratado) foi utilizado nas novas negociações pelo estado acreano decorrentes do conflito ocupacional entre os dois países.

Segundo Burns (1985), após a assinatura do Tratado de Ayacucho, a Bolívia não demonstrou muito interesse pelo território do Acre até o fim do século XIX, quando descobriu-se a ascensão da extração seringueira: “o *boom* da borracha amazônica encheu o Acre de aventureiros seringueiros brasileiros, que não tinham a menor intenção de sujeitar-se ao domínio ‘estrangeiro’ da Bolívia” (BURNS, 1985, p. 384).

Esses aventureiros seringueiros, nordestinos em grande maioria, migraram para o território acreano em busca de melhores condições de vida e se recusaram a obedecer aos comandos bolivianos. Quando a Bolívia resolveu intervir a sua soberania na região através da instalação de uma alfândega na cidade de Puerto Alonso, a população rebelou-se e sob o comando de Luiz Galvez, em 1899, teve início a revolta no Acre pela sua independência.

Burns (1985) também destaca que em 1900, Galvez foi destituído do poder pelo governo brasileiro em respeito ao Tratado de Ayacucho. O governo boliviano após reassumir o poder sobre o estado do Acre passou a aplicar leis severas que resultaram em uma nova revolta da população, dessa vez comandada por Plácido de Castro. Em 1903, após novas negociações e o estabelecimento do Tratado de Petrópolis (que enfatizava o conceito de *uti possidetis*) o Acre passou a pertencer definitivamente ao governo brasileiro.

Vale destacar que grande parte da luta pelo território acreano se deu por motivos econômicos, visto que o ciclo da borracha movimentou o mercado extrativista. A borracha começou a ser extraída no ano 1827, mas é com a técnica de vulcanização criada por Charles Goodyear, em 1840, que lucros advindos da borracha cresceram expressivamente. O seu declínio ocorre em 1960, após a criação da borracha sintética. (D’AGOSTINI, 2013).

É importante reconhecer que as desigualdades sociais foram um marco fortíssimo no

⁵De acordo com Mauro Pereira de Mello (1990), o conceito de *uti possidetis* pode ser explicado da seguinte forma: “[...] acordou-se que, nas terras já povoadas por qualquer das partes, cada uma conservaria o que tivesse ocupado, excetuadas as mútuas concessões que fizessem para o contrário, porque nesse caso se atenderia à regra ‘quod tibi non nocet’” (p. 8).

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

ciclo da borracha, posto que, mesmo diante da riqueza adquirida com o grande número de exportações da borracha para os vários países do mundo (também no próprio território brasileiro), a distribuição da renda era muito desigual; do mesmo modo que as condições de trabalho, saúde e de sobrevivência as quais os seringueiros foram submetidos fortaleciam o quadro injustiça e da vulnerabilidade social na região.

É através desse contexto histórico e social que Márcio Souza se utiliza dos recursos metaficcionalis e regionais para instituir uma narrativa imbuída de ironias e humor que criticam as condições de vida na Amazônia do ciclo da borracha, em que os grandes proprietários de terra se dão bem, ao passo que os seringueiros são sujeitos às condições precárias de vida e às mazelas de uma sociedade injusta e desigual. As críticas de Márcio Souza se estendem também tanto o governo brasileiro da época de disputa do território acreano quanto o governo vigente na época de escrita da obra, sendo o da Ditadura Militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Galvez, Imperador do Acre*, Márcio Souza se utiliza da vertente do Realismo Maravilhoso para instituir críticas aos vários segmentos que evidenciamos nesse trabalho. Ao considerarmos o contexto de escrita da obra, podemos vislumbrar as denúncias do abuso do governo da Ditadura Militar, por meio das ironias que o narrador constrói no texto.

No que tange ao enredo, é perceptível as críticas que são interpostas com relação aos abusos dos cientistas (visto o comportamento do personagem Sir Henry com os índios), assim como também é apresentado o exotismo ao qual o território amazônico/latino-americano é submetido frente aos olhares estrangeiros.

O Realismo Maravilhoso é marcado na obra de modo bastante peculiar, os traços comportamentais dos personagens figuram a fantasia e o maravilhoso na narrativa. A figura do Jurupari é um ponto importante na configuração do maravilhoso no enredo tecido por Márcio Souza; é através dessa figura mítica da cultura indígena que o autor aponta o exotismo imposto pelo processo colonialista pelos colonizadores portugueses no Brasil.

A figuração emblemática em torno do Teatro Amazonas também evidencia os aspectos benéficos e injustos do ciclo da borracha no território amazônico, na medida que se reconhece a grandeza e riqueza que se obteve com a extração seringueira na região, mas que entra em contraste diante das desigualdades e da má distribuição das riquezas advindas dos seringais.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylena Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

Através dos conceitos de Metaficção Historiográfica e Regionalismo podemos observar os mecanismos utilizados pelo autor/narrador para denunciar os acontecimentos que emergiram na Amazônia no ciclo da borracha. Também visualizamos que a forma com que Márcio Souza traz os fatos históricos que tangem a disputa do território acreano nos coloca a refletir criticamente as disputas que engendram as relações de poder entre os governos/países.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. As Américas: nascimento e morte das utopias. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, 2010, Porto Alegre, 2010, v. 45, n. 4, p. 67-70. Disponível em: <http://revistaseletronicas.puocs.br/ojs/index.php/fale/index>. Acesso em 09 nov. 2018.

BEZERRA, Juliana. Jurupari. **Toda Matéria**. 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/jurupari/>. Acesso em 16 nov. 2018).

BURNS, E. Bradford. As relações internacionais do Brasil durante a primeira República. In: FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**. 3ª ed. v. 2. São Paulo: Difel, 1985.

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

CHARTIER, Roger. Debate: História e Literatura. In: **Revista Topoi**. Rio de Janeiro, 2000, n. 1, p. 197-216. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf. Acesso em 10 nov. 2018.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. vol. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

D'AGOSTINI, S.; et all. **Ciclo econômico da borracha – seringueira *hevea brasiliensis***. Páginas do Instituto Biol., v. 9, n. 1, p. 6-14, jan./jun. São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.biologico.sp.gov.br/uploads/docs/pag/v9_1/dagostini3.pdf. Acesso em 10 nov. 2018.

ESTEVES, Antonio R.; FIGUEIREDO, Eurídice. Realismo Mágico e Realismo Maravilhoso. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura**. 2. ed. Niterói: EDUFF; Juiz de Fora: EDUFJF, 2010. p. 393-414.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Ricardo Cruz (trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

MELLO, Mauro Pereira de. A questão dos limites entre os estados do Acre, do Amazonas e de Rondônia. **Revista brasileira de geografia**. n. 52. out./dez. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Luciano Santos Xavier
Mylene Cerqueira da Silva
Adriano Antonio Lima Menezes

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SOUZA, Márcio. **Galvez, Imperador do Acre**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1977.